



O centro de Vila Franca do Campo em inícios do século XX (postal ilustrado).

Tradições de S. João em Vila Franca do Campo

Na tradição etnográfica vila-franquense emerge um conjunto de ritos, superstições e crendices ligados a S. João, que não são mais que manifestações de um inconsciente colectivo onde palpitam forças primitivas e arquétipos antigos.

Das persistentes memórias da minha avó Glória guardo inúmeras estórias do “S. João do seu tempo”, que com voz segura e fala pausada, por entre aquele olhar cinzento de chuva, ia contando. Lembrava, por exemplo, que muita gente se dispunha a longas caminhadas, entre as matas, à procura de ramos de louro para serem queimados à noite em fogueiras, que juntavam vizinhos e amigos e envolviam, no seu fumo e perfume, muitos jovens apaixonados que, saltando sobre o braseiro, queimavam os corações e os pés entre subtis trocas de olhares.

Dos rituais da fecundidade e da exaltação da água ressalta-me à memória uma curiosa tradição. Era hábito entre as donas de casa providenciar pela recolha de água proveniente das “três fontes machas” do concelho, contíguas a igrejas cujos oráculos fossem do sexo masculino: falava-se na fonte de S. Lázaro, junto à igreja de Água d’Alto, na de S. Miguel, a sul da prioral Matriz e na do Bom Jesus Menino, na Ribeira das Tainhas. Quem conseguia esta mistura, colocava-a ao ar livre em dois alguidares a aguardar a aurora (elemento feminino): num deles juntava-se à água umas pétalas de rosa, para que as jovens que lavassem o rosto com ela ficassem mais belas e as mais entradas nos anos rejuvenescessem, como

as moiras encantadas; no outro, a água era destinada a fazer o “fermento novo” que faria levdar o pão, que, por isso, não só sairia do forno com bom aspecto como ainda livraria dos maus-olhados, feitiçarias, bruxedos e encostos, garantindo prosperidade àqueles que dele fizesse uso.

Desta água é que se tirava um copo para a “sorte da clara do ovo”. No dia de S. João, ao meio dia em ponto, era deixada cair, nessa água, uma clara que tomava diversas formas que permitiam ver o futuro: se fosse uma igreja, indicava que o rapaz ou rapariga casaria, em breve; um navio, que iria embarcar; mas se formasse uma essa funerária, era morte solteira.

Era ainda costume pôr de molho, com antecedência, favas novas, recentemente malhadas, que eram assadas, na boca do forno numa sertã da Vilanova. Destas favas as raparigas colocavam três debaixo do travesseiro na noite de S. João: uma completamente descascada, outra, com casca intacta e outra semi-descascada. Ao acordar, a rapariga retirava um dos grãos aleatoriamente: se tocasse um totalmente descascado, seria pobre; se fosse no meio descascado, seria remediada; e, se na fava de casca intacta, auspiciava-se uma vida de riqueza e prosperidade.

As raparigas casadoiras, na ânsia de saber o nome do noivo, apanhavam um caracol que colocavam sobre um pano preto, tapado com um alguidar ou uma tigela durante a noite de S. João. As suas andanças noturnas iam traçando garatujas de gosma

em que a rapariga procurava descortinar as iniciais do futuro amado.

Mas a mais popular das “sortes” era aquela que se fazia em sete pedaços de papel, onde se escreviam, obrigatoriamente, o nome dos Santos Populares - António, João e Pedro - e outros tantos daqueles que já lhes estivessem “arrastando a asa”. Estes papéis eram dobrados em acordeão e colocados num prato, humedecidos com pingos de água para que o vento os não levasse durante a noite. Cada rapariga, com os cuidados de quem esconde um preciso segredo, lá ia colocar no quintal, disfarçado, no lugar julgado menos provável de ser visto pelo pai ou por pretendentes abelhudos. E o sereno, com as bênçãos de S. João, faria o resto... Depois de uma noite mais acordada que dormida, antes do Sol despontar, ia a jovem, com o coração em sobressaltos, procurar as respostas do oculto...

Foi assim que minha avó descobriu que se casaria com meu avô José... E foi com a voz apaixonada, apesar da vida madrastra, que lhe ouvi estas estórias. ♦

JOSÉ COUTO
 INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA
 zecouto@sapo.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores
 PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
 Direcção Regional da Cultura



Ermita de S. João Baptista (V. F. do Campo).

Raízes da tradição

João Baptista bíblico era aquela “voz que clama no deserto”, em exigente penitência, a desprezar sem tréguas os prazeres do mundo, a apontar o dedo corajosamente aos corruptos e poderosos, aos hipócritas e dissolutos.

Paradoxalmente é este mesmo João, este profeta severo e ascético, que a tradição escolheu para transformar num catalisador de forças primordiais, pagãs e religiosas, cujo culto está marcado por elementos telúricos e pelo universo do supersticioso.

O sincretismo religioso e pré-cristão das comemorações do nascimento de João e o solstício de Verão são mais que evidentes. E é por isso que a mística e a



A “fonte macha” de S. Miguel (V. F. do Campo).

simbologia que encontramos hoje nas festas de S. João não são mais que reminiscências da antiguidade que sobreviveram até hoje: o culto ao fogo e à água, dois dos quatro elementos primordiais, forças antagónicas ligadas a divindades infernais, assim como o mito do eterno retorno, celebrações vindas da remota Babilónia e do antigo Egipto, sem esquecer as lendas medievais das mouras encantadas e dos poços das águas sagradas, os ritos divinatórios e as práticas de bruxaria e magia.

O Tempo do solstício é também o tempo de Flora, deusa dos romanos, das celebrações do Nilo e das fogueiras rituais dos celtas. O fogo purificador torna-se em S. João manifestação de alegria e chama pronta a saudar a aurora onde se recolherão as águas mais propícias, as mais puras e “santas” do ano inteiro. ♦